

## **A cidade de feltro**

Em 2022, mudei para São Paulo. Saí de Salvador, minha terra natal, uma cidade extremamente desigual, no entanto não poderia imaginar com o que estava prestes a me deparar na capital paulistana. Conheci uma cidade dentro da cidade, a população de rua de São Paulo, que cresceu assombrosamente durante e depois da Pandemia do Covid-19, e agora está em um número aproximado de trinta e duas mil pessoas.

Cheguei no frio, e a resolução das autoridades para que essas pessoas não perecessem às baixas temperaturas foi a distribuição de um sem fim de cobertores de feltro. Feltros esses que muito me lembravam o livro "Mil Platôs", de Deleuze e Guattari, os nômades e a desterritorialização, mas que também os deixavam sem face, os mesclavam com o cinza da cidade, com as calçadas, com os prédios, com o ruído do trânsito. A arquitetura de São Paulo ganhara outro relevo para mim, outra textura, e alguma dor.

Essa nova arquitetura, uma massa rizomática que se espalha pelo centro de São Paulo, para os jornais, o senso comum e para a governança paulistana é tratada como uma população à parte, sem rosto, sem história, como não paulistanos.

Sob os contornos dos cobertores de feltro habita uma cidade. Uma população vulnerável ao desemprego, à recente perda de renda da pandemia e das políticas autoritárias do nosso país. Dentro da cidade de São Paulo há essa cidade, há milhares de histórias e fazeres, contornos, gente que ali vai se moldando a essa textura e construindo uma urbanidade dura, reflexo e consequência do nosso projeto de nação. E foi isso que procurei ilustrar aqui: os habitantes que são a própria Cidade de Feltro.

Amine Barbuda  
São Paulo, Junho de 2022.



















